

A história dos estudos de comunicação nas Américas: uma visão dos Estados Unidos

The history of communication studies across the Americas: A view from the United States

PETER SIMONSON^a

University of Colorado Boulder. Boulder, CO – USA

JEFFERSON POOLEY^b

Muhlenberg College. Allentown, PA – USA

DAVID PARK^c

Lake Forest College. Lake Forest, IL – USA

RESUMO

Este ensaio reflete sobre o potencial de estudos que tratem com sensibilidade as histórias da pesquisa em mídia e comunicação nas Américas. Iniciando a escrita a partir dos contextos dos estudos de comunicação dos EUA, refletimos sobre algumas das bases da hegemonia norte-americana na história e historiografia desse campo. Destacamos a importância do trabalho que, por um lado, descentraliza e coloca em perspectiva os EUA e, por outro, mapeia os fluxos transnacionais e as dinâmicas inter-regionais que moldaram os estudos de comunicação em todas as suas variações nas Américas. Em seguida, exemplificamos como poderia ser uma história transnacional das relações entre EUA e América Latina, fornecendo uma periodização preliminar desde o início do século XX até os dias atuais.

Palavras-chave: história transnacional da pesquisa em comunicação, Américas, geopolítica, dinâmica do conhecimento

ABSTRACT

This essay reflects on the potential for scholarship that sensitively treats the histories of media and communication research across the Americas. Writing from the contexts of U.S. communication studies, we begin by reflexively considering some of the bases of U.S. hegemony within the history and historiography of the field. We suggest the importance

^a Professor Emeritus, Department of Communication, University of Colorado Boulder, USA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7156-467X>. E-mail: peter.simonson@colorado.edu

^b Professor of Media & Communication, Muhlenberg College, USA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3674-1930>. E-mail: pooley@muhlenberg.edu

^c Professor of Communication, Lake Forest College, USA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7019-1525>. E-mail: park@lfc.edu



of work that provincializes and decenters the U.S. and also traces transnational flows and cross-regional dynamics that have constituted communication studies in all its versions across the Americas. We then illustrate what a transnational history of U.S.-Latin American entanglements might resemble, offering a provisional periodization from the early twentieth century to the present.

Keywords: Transnational history of communication research, the Americas, geopolitics, knowledge dynamics

O LIVRO RECENTE DE William F. Eadie (2022), *When Communication Became a Discipline*, acompanha o surgimento da pesquisa em comunicação nos EUA. Eadie, porém, nunca especifica o alcance geográfico de sua história: o objeto do livro é a disciplina da comunicação. É fácil perceber que ele está escrevendo sobre os EUA e nenhum outro lugar, e que o “nós” ao qual o livro se dirige são colegas acadêmicos dos EUA. Ainda assim, há algo de chocante no artigo definido (“a disciplina”) em um estudo que posiciona a sua abrangência tão implacavelmente. O escopo declarado do projeto é universal, mas a história, em si, é circunscrita.

When Communication Became a Discipline não é, claramente, uma exceção. Trata-se da mais recente manifestação de um padrão predefinido exclusivamente para narrar a história dos estudos de mídia e comunicação nos EUA. Essa historiografia foi construída sobre o apagamento sistemático de outras tradições ao redor do mundo, além de ocultar as contribuições feitas por mulheres, membros de grupos minoritários e instituições menos prestigiadas nos EUA. Isso reflete dinâmicas geopolíticas que favoreceram homens brancos bem situados nos Estados Unidos, confiantes em seus direitos de se beneficiarem do trabalho dos outros dentro das ordens hegemônicas de privilégios não merecidos em que nasceram.

As limitações destas histórias não marcadas e centradas nos EUA são amplamente conhecidas por indivíduos em outras áreas do mundo, particularmente na América Latina. Não apenas silenciam as tradições robustas dos estudos de comunicação na região, mas também são parte de um padrão geopolítico marcadamente familiar das tentativas dos EUA de controlar a região, permanecendo desavisadamente ignorantes das culturas e dos povos que a habitam. Como autores, estamos cientes desses padrões, ao mesmo tempo em que nos esforçamos para evitar reproduzi-los involuntariamente em nosso próprio trabalho.

Neste ensaio, propomos reexaminar o artigo definido do livro de Eadie. A tarefa urgente para os historiadores dos estudos de comunicação dos EUA é circunscrever e particularizar o campo tal como se desenvolveu naquele país e situá-lo dentro dos movimentos internacionais de ideias, instituições e pessoas

que constituíram o campo globalmente. Acreditamos que trabalhar com uma estrutura panamericana é uma parte especialmente promissora deste projeto mais amplo, que nos permite investigar as complexidades Norte-Sul dentro do hemisfério. Trata-se de um projeto extenso e multifacetado que demanda novas colaborações internacionais. É preciso pesquisas primárias mais minuciosas, bem como de esforços para conectar fragmentos da história que estão presentes na literatura atual. O objetivo não é criar uma nova narrativa principal, mas sim construir uma coleção pluralista de histórias que reflitam tanto as complexidades Norte-Sul quanto as particularidades dos diferentes contextos em que cada um de nós vive. Com este ensaio, esperamos contribuir para esse esforço maior.

Iniciando a escrita a partir dos contextos dos estudos de comunicação dos EUA, começamos refletindo sobre algumas das bases da hegemonia norte-americana na história e historiografia desse campo. Esse tipo de reflexão, que os estudiosos críticos latino-americanos têm feito desde o final da década de 1960, é uma parte essencial do projeto, que em sua forma plena exigiria uma sociologia histórica do conhecimento que analisasse a dinâmica que produziu o universalismo não marcado que caracterizou o campo e suas histórias em nosso país. O projeto também requereria uma investigação aprofundada das linhas de exclusão relacionadas a raça, gênero/sexualidade, indigeneidade, língua e localização geopolítica que marcaram o campo em todas as suas manifestações nacionais, certamente incluindo os EUA. O periódico que editamos, *History of Media Studies*, faz parte de nossos esforços para realizar esse tipo de trabalho crítico-reflexivo (Simonson et al., 2022a, 2022b). Esta primeira seção deste ensaio é uma extensão desse projeto.

A segunda tarefa abrangente é reconstrutiva: escrever novas histórias que, por um lado, descentralizem os EUA e, por outro, mapeiem os fluxos transnacionais e as dinâmicas inter-regionais que moldaram os estudos de comunicação em todas as suas variações nas Américas. Reforçamos a necessidade de novas colaborações, representadas nesta edição da **MATRIZes** e nas seções especiais paralelas de *Comunicación y Sociedad* (México) e *History of Media Studies* (EUA). Nossa contribuição para esse esforço envolve explorar como seria uma história dos estudos da comunicação se ela se concentrasse nas complicações transnacionais entre os EUA e a América Latina. Esse projeto acarreta riscos associados à longa história do imperialismo estadunidense para além de nossa fronteira sul. Reconhecemos e tentamos abordá-los diretamente ao promover dois tipos de trabalho reconstrutivo: 1. oferecer uma heurística para investigar as forças transnacionais que moldaram o campo ao longo do tempo e 2. usá-la para esboçar três eras históricas da relação complexa entre América Latina e EUA desde o início do século XX até o presente. Nossos relatos dessas três eras



podem não ser exaustivos, mas esperamos que sejam ilustrativos do potencial de um quadro transnacional nas Américas.

ESTADOS UNIDOS: HEGEMONIA DE DENTRO PARA FORA

Por mais de cem anos, a literatura dos EUA se baseou em uma audaciosa fusão da tradição nacional com a mundial. De forma inquestionavelmente rotineira, livros e artigos sobre desenvolvimentos específicos dos EUA se tornaram a representação da história dos estudos de mídia e comunicação¹. Mesmo críticos dos relatos triunfalistas, como William Eadie, tendem a deixar suas reduzir o destaque de suas histórias².

A peculiaridade mascarada na historiografia norte-americana reflete, em grande medida, o estilo de pensamento do próprio setor nos EUA, especialmente desde a Segunda Guerra Mundial. Isso se manifesta na adoção do termo “pesquisa em comunicação” e na subsequente institucionalização multifacetada desse campo. Conforme documentado involuntariamente pela historiografia publicada, os estudiosos da comunicação dos EUA têm o hábito de descrever suas descobertas em termos universais, considerando seus compatriotas como seus únicos pares relevantes.

Um ponto mais especulativo (que não pode ser elaborado nem defendido neste trabalho) é que o universalismo arrogante da disciplina nos Estados Unidos foi condicionado pela hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra. Em um eco marcante da participação dos EUA na economia global na época, *mais da metade* dos cientistas sociais do mundo estavam baseados nos EUA no início do período pós-guerra. Conforme discutido brevemente neste artigo, um grupo de elite de pesquisadores em comunicação dos EUA (a maioria dos quais relacionados com as principais disciplinas das ciências sociais) ajudou a formar uma posição avançada no início da Guerra Fria. Historiadores das ciências sociais enfatizaram repetidamente a mistura pós-guerra de autoconfiança coletiva, objetividade professada e evangelismo internacional que caracterizou os cientistas sociais dos EUA nesse período, especialmente membros autodeclarados da vanguarda das *ciências comportamentais* (Heyck, 2015). O ponto é que a posição geopolítica do país como hegemonia incomparável do “mundo livre” foi refletida em seu enorme e bem-financiado sistema universitário. A tendência dos acadêmicos estadunidenses, tanto dentro quanto fora da comunicação, de universalizar suas particularidades foi, ao menos nesse período, respaldada pela Pax Americana.

Vista dessa forma, a adoção do artigo definido pelos historiadores da pesquisa em comunicação nos EUA é uma espécie de eco duplo da arrogância abastada da área, ela própria enraizada na do país. Essa interpretação ajuda a explicar o

¹O influente relato de Jesse Delia (1987), publicado no *The Handbook of Communication Science* e um dos primeiros a reivindicar sinopticamente todo o campo da “comunicação”, ilustra este ponto: um título universal com um foco quase exclusivo no caso particular dos EUA. O mesmo se aplica ao amplamente citado relato de Everett Rogers (1994), detalhado em um livro extenso.

²Todd Gitlin (1978), por exemplo, deu à sua crítica da sociologia da mídia de meados do século no *Bureau of Applied Social Research* um título sem modificações ou referências geográficas: “Media Sociology: The Dominant Paradigm”. A mesma dinâmica ocorre na exposição de Christopher Simpson (1994) sobre a pesquisa em comunicação dos EUA durante a Guerra Fria.

imaginário global peculiar presente na maior parte da literatura publicada, que mistura indiferença com imperialismo. A indiferença é mais direta, com os EUA tratados como um centro sem periferia. É muito mais simples confundir a nação com a ideia de mundo se não houver um mundo a ser considerado. Nossa visão, no entanto, é que essa insularidade semidelicada é fundamentada, e continua sendo sustentada, pela disseminação implícita do modelo dos Estados Unidos. Em outras palavras, há uma presunção não declarada na historiografia de que todos os desenvolvimentos significativos ocorreram nos Estados Unidos, a ponto de a história internacional se manifesta na emanação desse conceito. Em uma vertente da literatura, isso se refere às viagens e aventuras de Wilbur Schramm (por exemplo, McAnany, 2012). De qualquer forma, a crença não expressa é de que a ação relevante, ou seja, os elementos dignos de registro, ocorreu primeiramente nos Estados Unidos e, depois, se difundiu pelo mundo. Se estivermos corretos, esse imaginário compartilhado tem legitimado a falta de interesse e o completo desconhecimento do restante do mundo – incluindo a América Latina.

RELAÇÕES ENTRE EUA E AMÉRICA LATINA: RUMO A UMA HISTÓRIA

Como observado por Maria Löblich e Stefanie Averbeck-Lietz (2016), “as conexões transnacionais têm sido parte dos Estudos de Comunicação desde seus primórdios” (p. 25). Essas conexões têm sido frequentemente ignoradas pelos enquadramentos nacionais nos quais grande parte da história desse campo foi escrita – alguns, embora não todos, associados à hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra. O resultado tem sido um padrão desequilibrado de reconhecimento das relações entre o Sul e o Norte das Américas. A América Latina é quase invisível na literatura centrada nos Estados Unidos, como é ignominiosamente refletido na nomenclatura “American” (americano/a) para os Estados Unidos³. Fora do campo da comunicação para o desenvolvimento, tem sido raro encontrar relatos históricos do campo nos EUA que reconheçam a importância dos envolvimento com a América Latina ou discutam comparativamente as tradições entre regiões. As abordagens dos Estados Unidos, ao contrário, têm grande destaque no crescente corpo de estudos em inglês sobre a história da pesquisa em comunicação na América Latina, frequentemente acompanhadas como contrapontos explícitos no desenvolvimento de alternativas locais.

Aqui nos perguntamos o que seria necessário para escrever uma história mais completa das relações entre os estudos de comunicação nos Estados Unidos e na América Latina. Levantamos essa questão cientes das problemáticas origens coloniais do termo “América Latina”, suas conexões com uma versão do imperialismo estadunidense direcionada para os territórios ao sul do continente, e a

³ É claro que até “os Estados Unidos” seja uma apropriação territorial linguística, dados os nomes oficiais de México e Brasil. No entanto, por falta de alternativa melhor, utilizamos “Estados Unidos” e “EUA” como abreviações neste trabalho.



heterogeneidade de uma vasta região com mais de 600 milhões de pessoas e 20 países modernos (Fuentes-Navarro, 2016, p. 338). Prosseguimos nessa direção em parte porque a designação “América Latina” tem desempenhado um papel importante nos discursos transnacionais da pesquisa em comunicação desde pelo menos a década de 1930, sendo empregada tanto por estrangeiros quanto por nativos. Consideramos as conexões da região com o imperialismo dos Estados Unidos como uma conjuntura histórica crucial que precisa ser mais explorada – especialmente para aqueles que trabalham nos EUA. Para além disso, compreendemos a colonialidade como uma condição dos estudos de comunicação em todas as Américas que, embora este não seja o foco principal deste ensaio, demanda uma análise crítica concertada, da qual Erick Torrico (2016a, 2018) e outros estudiosos latino-americanos têm se ocupado ao longo da última década.

Utilizando abordagens sociológicas para a história dos estudos de comunicação (por exemplo, Fuentes-Navarro, 1998; Löblich & Scheu, 2011) e declarações programáticas que têm como foco uma história transnacional das ciências sociais (especialmente Heilbron et al., 2008), propomos a heurística de *ideias*, *instituições*, *pessoas* e *contextos sociopolíticos* como um quadro amplo e produtivo para investigar a história desse campo nas Américas. Cada um desses quatro elementos possui ampla abrangência. As *ideias* ultrapassam o domínio intelectual sociocognitivo de teorias, paradigmas, conceitos e métodos, bem como o conjunto sociomaterial de livros publicados, artigos, tecnologias de investigação, práticas pedagógicas, iniciativas organizadas (*applied research*, ou pesquisa aplicada) e o uso encarnado, recepção e tradução delas ao cruzarem fronteiras e se moldarem em contextos específicos. As *instituições* variam desde agências governamentais, organizações internacionais e fundações privadas até associações profissionais, universidades, departamentos, editoras, periódicos e os colégios invisíveis que elas suportam. As *pessoas*, por sua vez, referem-se aos acadêmicos, estudantes, pessoal de apoio e outros agentes que ajudam a produzir ideias e instituições e, em parte, são produzidos por meio delas. Por fim, os *contextos sociopolíticos* abarcam todas as maneiras como dinâmicas sociais mais amplas moldaram o campo de estudos de comunicação – por exemplo, ideologias dominantes e contra-hegemônicas, hierarquias de poder e privilégio, dramas geopolíticos de Estados-nação e seus aliados, movimentos sociais e culturais, e estruturas de sentimento que compõem momentos históricos em particular. Essas quatro categorias principais estão, naturalmente, interrelacionadas, assim como os fenômenos sugeridos por cada uma delas, refletindo as complexidades intrincadas dos campos acadêmicos como fenômenos históricos.

Refletir de maneira especificamente *transnacional* sobre o nexos entre a pesquisa em comunicação nos Estados Unidos e na América Latina significa

conceber várias zonas de contato, nas quais ideias, instituições e pessoas de diferentes nações se envolvem umas com as outras de maneiras significativas. Embora essas zonas de contato possam estar geograficamente localizadas dentro de uma nação, elas são moldadas por contextos sociopolíticos que transcendem essa localização. Entre os fenômenos de interesse em um contexto transnacional estão textos que ultrapassam fronteiras, estudantes de pós-graduação buscando diplomas em países estrangeiros, encontros e associações profissionais internacionais, iniciativas transfronteiriças apoiadas por governos e fundações privadas, editoras multinacionais e sistemas de classificação, e estilos de pensamento intelectual locais que se moldam em relação a alternativas percebidas associadas a outras regiões. Um dos desafios é adotar uma compreensão verdadeiramente comunicativa desses fenômenos e zonas de contato multifacetados, reconhecendo o dinamismo dos encontros e as múltiplas formas que ele pode assumir.

Se a heurística de quatro elementos pode orientar a investigação de uma maneira, uma ampla periodização pode adicionar um segundo eixo organizador. Estudiosos latino-americanos ofereceram diversas periodizações históricas para o campo na região (por exemplo, Marques de Melo, 2011b; Torrico, 2016b). Um quadro transnacional pode se sobrepor a eles, mas também busca por eras significativas nas relações Norte-Sul. Sugerimos três eras como ponto de partida para investigações posteriores: 1. Um longo período inicial, que se estende desde as primeiras décadas do século XX até meados da década de 1960, inicialmente baseado em intercâmbios em torno da educação e pesquisa em jornalismo antes de abranger a comunicação de massa e pesquisa de opinião pública a partir dos anos 1930 (nosso principal foco neste ensaio). Nesse período, fortemente influenciado pela Segunda Guerra Mundial e os esforços dos Estados Unidos para exercer hegemonia durante a Guerra Fria, a pesquisa em comunicação foi institucionalizada – primeiro nos Estados Unidos e depois, de forma embrionária, na América Latina. 2. Um dinâmico período intermediário, abrangendo do final dos anos 1960 ao início dos anos 1990, marcado sociopoliticamente pelos movimentos da Nova Esquerda em ambas as regiões, intensos debates sobre paradigmas e métodos, o aumento do movimento de pessoas e contatos além das fronteiras, e intercâmbios intelectuais significativos mediados por meio de estudos acadêmicos em língua inglesa. Este período testemunha uma institucionalização mais profunda, porém ainda incompleta, do campo na América Latina e sua rápida expansão e pluralização nos Estados Unidos. 3. Um período recente ainda em curso, desde meados da década de 1990 até o presente, caracterizado por processos acelerados de globalização, neoliberalismo, especialização subdisciplinar, versões de profissionalismo influenciadas pelos Estados Unidos e, nas duas últimas décadas, uma consciência crítica ampliada



sobre formas neocoloniais de dominação nos sistemas de conhecimento mundial. Este período também testemunha uma plena e generalizada institucionalização dos estudos de comunicação em toda a América Latina, organizada por meio de um extenso sistema acadêmico em língua espanhola e portuguesa que enfrenta desafios advindos das novas forças de dominação em língua inglesa.

⁴Sobre o caso dos EUA, ver Carey (1979) e Folkerts (2014); e para os países latino-americanos, Nixon (1982), Moreira & Lago (2017) e Islas & Arribas (2010, pp. 4-5).

⁵Veja, por exemplo, Daros & Rüdiger (2022) sobre a discreta recepção brasileira de modelos de jornalismo e educação jornalística dos EUA das décadas de 1940 até o início dos anos 1960. Gómez-Palacio (1989, p. 41) relata, no entanto, que a primeira escola de jornalismo na região, fundada na Argentina, contou com ajuda da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia.

⁶A Fundação Rockefeller já havia reunido muitas das figuras que ocupariam, a partir de 1940, a nova posição avançada do campo no esforço de guerra até meados da década de 1930, com o objetivo de implementar novos métodos de pesquisa no impulsionamento das rádios educativas. Com o início da guerra na Europa, a fundação, na prática, reorientou sua rede e infraestrutura para servir à causa da propaganda Aliada antes da entrada formal dos EUA na guerra. Veja Gary (1996), Buxton (1994) e – para um projeto de rádio da Rockefeller centrado na América Latina no final da década de 1930 – Cramer (2009).

⁷Como José Luis Ortiz Garza e outros demonstraram, a operação de Cantril deixou para trás uma história significativa, embora controversa, no México. Veja Ortiz Garza (2007); Moreno & Sánchez-Castro (2009); e, sobre o caso brasileiro, Tota (2009, pp. 23-57); e Vassallo de Lopes & Romancini (2016, p. 351).

Paralelos e incursões: Do início do século XX a meados da década de 1960

Nas primeiras décadas do século XX, o estudo da mídia e comunicação era disperso e desorganizado. Isso era verdade tanto para os Estados Unidos quanto para os países da América Latina. Nas duas regiões, uma década ou duas antes nos EUA, o jornalismo foi introduzido na universidade, de maneira desigual, por meio de cursos, cátedras ou (em menos casos) escolas independentes dedicadas ao treinamento de repórteres. Em todo o hemisfério, o padrão parece ter sido semelhante: uma pulverização de iniciativas baseadas na universidade, lentamente se acumulando e atendidas por uma fina camada de estudos sobre a história da imprensa, direito e ética⁴. A educação e os estudos em jornalismo se desenvolveram de forma aproximada nos EUA e na América Latina, com poucas linhas proeminentes de engajamento ou influência transcontinental registradas na literatura secundária⁵.

Isso logo mudaria. A pesquisa em comunicação, assim chamada, foi estabelecida primeiramente nos EUA antes da Segunda Guerra Mundial. Os sociólogos, cientistas políticos e psicólogos sociais que começaram a se autodenominar “pesquisadores em comunicação” foram inicialmente reunidos pela Fundação Rockefeller⁶. De maneira reveladora, uma das primeiras aplicações desse campo recém-nomeado foi na América Latina, na forma de uma vasta e clandestina operação de pesquisa sob os auspícios do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos de Nelson Rockefeller. Parcialmente financiada pela fundação da família e liderada pelo psicólogo Hadley Cantril – colega de dormitório de Nelson na Ivy League –, a campanha secreta em toda a região foi usada para orientar políticas e propagandas visando garantir a lealdade dos latino-americanos à causa Aliada (Cramer & Prutsch, 2006; Navarro & Ortiz Garza, 2020; Ortiz Garza, 2012). Nos seus primórdios, o campo nos EUA serviu como uma extensão da Doutrina Monroe de meados do século XX. A pesquisa em comunicação, nesse momento crucial, representava o conhecimento *sobre* a América Latina *para* as elites dos EUA, obtido sob falsos pretextos⁷.

Esse emprego unilateral e de cima para baixo da pesquisa em comunicação dos EUA para a América Latina foi repetido, em momentos ainda pouco explorados na literatura, nas primeiras décadas da Guerra Fria. Um exemplo terá que

representar os demais, um que seja apropriado: Hadley Cantril, com a ajuda de investimentos privados de Nelson Rockefeller, utilizou a mesma abordagem discreta para avaliar a opinião cubana no tenso período após a revolução de 1959. Em 1960, o grupo de Cantril conduziu uma pesquisa clandestina na ilha, cujo verdadeiro propósito foi mascarado por questões que aparentavam inocuidade, mas com o objetivo explícito – como em 1940 – de informar a política da Casa Branca (Cantril, 1967, pp. 1-5)⁸. O ponto a ser enfatizado é que a pesquisa em comunicação dos EUA no pós-guerra coevoluiu com o estado de segurança nacional da Guerra Fria – uma aliança que, em grande parte, girava em torno de uma campanha compartilhada para conquistar os corações e mentes do “Terceiro Mundo”, na América Latina e ao redor do mundo não-alinhado (Pooley, 2008).

Ainda assim, é importante contextualizar o padrão de operações secretas – a “guerra psicológica” da pesquisa em comunicação dos EUA direcionada à América Latina – em um contexto mais amplo. Sem negar a significância constitutiva da Guerra Fria, é possível adicionar uma narrativa sobreposta, porém mais complicada – uma que possivelmente foi mais relevante para o relacionamento pós-guerra entre a pesquisa em comunicação dos EUA e da América Latina. Aqui nos referimos à tentativa *explícita* de exportar o modelo dos EUA para a América Latina, principalmente com o estabelecimento, em 1959, do Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL).

Para recapitular brevemente essa segunda história – o contraponto público à trama dos bastidores – voltamos à Segunda Guerra Mundial, quando os recém-batizados pesquisadores em comunicação dos EUA passaram a integrar uma série de agências federais centradas em propaganda e moral. Um desses personagens, o estudioso da literatura Wilbur Schramm, viu uma oportunidade. Durante e após a guerra, ele recrutou professores favoráveis à pesquisa em algumas escolas proeminentes de jornalismo, com o objetivo consciente de institucionalizar, como uma disciplina com doutorado, o que antes constituía uma encruzilhada interdisciplinar. Em meados da década de 1950, a marcha de Schramm pelas escolas de jornalismo estava em pleno andamento. As novas coordenadas intelectuais da disciplina estavam, crucialmente, alinhadas com o movimento mais amplo das ciências comportamentais, apoiadas pelas mais importantes fundações e agências de segurança nacional. Assim como outros cientistas comportamentais, os estudiosos de comunicação no molde de Schramm eram *a favor* da ciência e *contra* o socialismo. Da metade para o final dos anos 1950, eles produziram em conjunto uma nova literatura ativista sobre “modernização”, baseada na convicção de que o crescimento econômico e a infraestrutura de comunicações imunizariam o “Terceiro Mundo” – incluindo fortemente a

⁸ Cantril (1967, p. 2) observou que o estudo “é claro, não poderia incluir perguntas diretas e utilizou inteiramente o que os técnicos chamam de perguntas abertas, questões formuladas indiretamente, de maneira que muito poucas pessoas se recusariam a respondê-las”.



América Latina – contra o flagelo soviético (Gilman, 2003; Latham, 2000). No enquadramento de influências de Schramm, a pesquisa em comunicação também fazia parte desse projeto. Como dito por ele em uma reunião da UNESCO em Santiago, Chile, em 1961, “assim como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa é parte essencial do desenvolvimento econômico, a pesquisa em comunicação de massa é essencial para o desenvolvimento mais rápido e eficiente dos meios de comunicação de massa” (Schramm, 1960, p. 7).

Essa literatura de modernização foi um importante pano de fundo para a fundação do CIESPAL, em 1959, no Equador⁹. Embora estabelecido pela UNESCO, nos primeiros anos o centro também foi financiado pela Organização dos Estados Americanos e pela Fundação Ford. A missão do CIESPAL, e em certa medida sua operação, centrava-se no jornalismo – daí o *Periodismo* em seu nome e em consonância com a iniciativa de jornalismo da UNESCO dos anos 1950, da qual fazia parte.

O CIESPAL teve como base o mesmo lapso produtivo do jornalismo para a comunicação que havia caracterizado a disciplina nos EUA por mais de uma década. Isso não foi surpresa: nos primeiros cinco anos, o centro serviu quase que como um posto avançado dos EUA. Seu programa editorial era amplamente dedicado a traduções de “clássicos” norte-americanos, a maior parte de seu corpo docente rotativo era dos EUA e seu currículo estava inequivocamente estabelecido no campo das ciências comportamentais (Daros, 2023, pp. 109-111; Day, 1966; Gómez-Palacio, 1989, pp. 26–29, p. 164; Marques de Melo, 1988, p. 409; Meditsch, 2021, p. 128). Os estudiosos e as abordagens europeias também foram importantes, mesmo nos primeiros anos do CIESPAL, mas eram claramente secundários em relação ao modelo norte-americano (Marques de Melo, 1983a, pp. 182-183).

Foi neste período do início da década de 1960, após a revolução cubana de 1959 ter reorientado a atenção de Washington para o sul, que um grande número de latino-americanos começou a obter diplomas nos EUA (Gómez-Palacio, 1989, pp. 26-28)¹⁰. Universidades como Michigan State, Wisconsin e Stanford eram destinos especialmente comuns para o estudo, e todas mantiveram laços com a região ao longo das décadas seguintes¹¹. A agenda inicial de pesquisa do CIESPAL estava amplamente orientada para estudos de desenvolvimento dentro do quadro da modernização, complementada por estudos comparativos dos meios de comunicação na região. Acadêmicos dos EUA lideravam e se destacavam nesse trabalho, entre eles Raymond Nixon, estudioso de jornalismo da Universidade de Minnesota, que na época era presidente da International Association of Media and Communication Research (Associação Internacional de Pesquisa em Mídia e Comunicação, IAMCR) patrocinada pela UNESCO. Paul Deutschmann, da

⁹ Uma extensa literatura está disponível sobre o CIESPAL e o campo latino-americano. Veja Daros (2023); Feliciano (1988); Marques de Melo (2011a); Meditsch (2021); Aragão (2017) e Ruiz (2010).

¹⁰ Luis Ramiro Beltrán e Juan Díaz-Bordenave, por exemplo, estudaram ambos na Michigan State. A França também foi um local de estudo para vários acadêmicos latino-americanos.

¹¹ Veja, por exemplo, a longa influência das relações de Stanford com El Salvador (Lindo-Fuentes, 2009).

Michigan State, liderou um importante estudo de modernização no CIESPAL; Everett Rogers, seu colega de faculdade, continuou o trabalho focado na difusão de “inovações” agrícolas (Beltrán, 1993, pp. 12-14; Fuentes-Navarro, 2005). A abordagem importada dos EUA consistia na comunicação para o desenvolvimento em um duplo sentido: foi projetada para auxiliar a modernização da América Latina, mas também – e esse estava entre os objetivos orientadores do CIESPAL – para difundir a própria disciplina dos EUA.

Esse projeto disciplinar teve sucesso de forma qualificada. Como havia acontecido nos EUA, o escopo das escolas de jornalismo latino-americanas existentes foi ampliado para incluir a pesquisa em comunicação – e um grande número de novas escolas e departamentos foi estabelecido ao longo da década, a maioria deles voltados apenas para graduação (Daros, 2023, pp. 110-112; Day, 1966; Vassallo de Lopes & Romancini, 2016, pp. 352-353). Ao mesmo tempo, a disseminação institucional foi justificada pela popularização da televisão e de outros meios não impressos em toda a região. Evidências apontam que o CIESPAL tenha sido um agente decisivo nesse processo.

Até meados da década de 1960, a presença dos EUA era evidente em nosso esquema de quatro aspectos: pessoas (Nixon, Deutschmann, Schramm e Rogers), ideias (modernização, difusão), instituições (UNESCO, CIESPAL, Fundação Rockefeller) e contextos sociopolíticos (Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria). O argumento poderia ser feito – e logo foi, repetidamente – de que a importação dos EUA era uma imposição estrangeira, o último capítulo na longa campanha dos EUA pela hegemonia hemisférica. As suposições universalistas do modelo dos EUA em torno da medição quantitativa de persuasão unidirecional de curto prazo foram, até o início da década de 1970, expostas como paroquialismo mascarado. As pessoas, as ideias e o contexto sociopolítico do momento inicial do CIESPAL cederam, mas as instituições – as escolas de jornalismo reformuladas e o próprio CIESPAL – sobreviveram, adaptando-se a novos objetivos autogovernados. O modelo norte-americano começou como fonte, mas rapidamente se converteu em contraste, em uma disciplina logo reivindicada “*pelos latino-americanos e para a América Latina*” (Marques de Melo, 1988, p. 411).

Esquerdas ressurgentes e interação dinâmica no período intermediário: do final da década de 1960 ao início da década de 1990

A era entre o final da década de 1960 e o início da década de 1990 representa um período vibrante nas zonas de contato transnacionais do campo da comunicação entre a América Latina e os EUA. Partes desse capítulo da história já foram contadas, mas há ainda muito trabalho a ser feito. O surgimento da



Nova Esquerda foi um catalisador essencial, vinculado a movimentos sociais liderados por estudantes universitários, trabalhadores, mulheres, afrodescendentes e povos indígenas. Suas ações às vezes se alinhavam com movimentos de independência nacional e com o Movimento dos Não-Alinhados, que buscava contrabalançar a bipolarização geopolítica da Guerra Fria. Esses movimentos foram alimentados por marxismos, pós-colonialismos, feminismos e formas ascendentes de democracia participativa ressurgentes e muitas vezes centrados na cultura. Universidades e campos acadêmicos foram terrenos de confronto, onde radicais e reformadores buscavam transformar as práticas estabelecidas.

Esse foi o contexto amplo em que as abordagens dominantes de pesquisa em comunicação nos EUA foram alvo de críticas contundentes. A história se repetiu nas ciências sociais e nas humanidades, mas cada disciplina tinha suas particularidades. Nos estudos de comunicação, linhas distintas foram traçadas entre campos que receberam diferentes denominações: pesquisa crítica versus pesquisa administrativa, estudos culturais versus pesquisa de comunicação de massa, além de correntes como marxismo e semiologia em contraposição ao behaviorismo e positivismo. *Ideologia, hegemonia, dependência e imperialismo* foram conceitos proeminentes entre os estudiosos críticos, que ofereceram críticas incisivas sobre *efeitos, funções, modernização e difusão de inovações*. Disputas de paradigmas eram travadas em disciplinas, departamentos e contextos nacionais, frequentemente com uma dimensão geracional. Esses debates, transpondo fronteiras, alimentaram o desenvolvimento do que, na década de 1990, era chamado de Latin American School/Escuela Latinoamericana¹².

Várias figuras-chave na construção de uma alternativa latino-americana à pesquisa em comunicação dos EUA tiveram experiências formativas nos EUA. Este ponto, por razões epistemológicas e políticas, nem sempre é enfatizado na historiografia dos estudos de comunicação latino-americanos (os contextos europeus que influenciaram Eliseo Verón, Antonio Pasquali, Armand Mattelart e Jesús Martín-Barbero são mais frequentemente mencionados). Apresentamos isso não para recentrar indiretamente os EUA, mas para destacar os espaços sociais, intelectuais e institucionais de interação que contribuíram para o surgimento de uma formação nova, distinta e de importância vital nos estudos de comunicação.

Consideremos quatro figuras pioneiras. Juan Díaz-Bordenave (1926–2012) obteve seu mestrado pela Universidade de Wisconsin (1955) e doutorado pela Michigan State (1966), com vasta experiência de trabalho em agências de desenvolvimento apoiadas pelos EUA (Fuentes-Navarro, 2022). Luis Ramiro Beltrán (1930–2015) teve uma trajetória semelhante, incluindo bolsas de estudo nos EUA na década de 1950 e pós-graduação em Michigan (mestrado em 1968;

¹²Os primeiros usos deste rótulo foram encontrados em inglês por Chaffee et al. (1990) e em espanhol por Marques de Melo (1993b). Marques de Melo parece ter desempenhado um papel importante na disseminação do termo, cujo uso em ambas as línguas se intensificou desde 2000, ocasionalmente na forma de Escola Crítica Latino-Americana.

doutorado em 1972) (Barranquero, 2014). Após concluir seu primeiro doutorado em uma universidade latino-americana (na Universidade de São Paulo), José Marques de Melo obteve uma bolsa de pós-doutorado na Universidade de Wisconsin (1973-1974). Paulo Freire (1921-1997) também realizou uma série de passagens significativas pelos EUA entre 1967 e 1973. Ele descreveu sua primeira visita a Nova York como “extremamente importante”, onde teve contato com afro-americanos e porto-riquenhos em situações semelhantes às das pessoas desfavorecidas com quem trabalhou no Brasil e no Chile (Freire, 1994/2014, p. 44). É crucial compreender melhor a dinâmica intercultural desses episódios e situações similares, de uma forma que não reproduza padrões neocoloniais que reforcem a ideia de “centro” em oposição à “periferia”.

Clóvis Beltrán foi uma figura especialmente importante na mediação das relações Norte-Sul entre pessoas, ideias e instituições no campo. Sua biografia intelectual se abre para correntes mais amplas da interface entre América Latina e Estados Unidos desde o final dos anos 1960 até o início dos anos 1990. A Michigan State foi um ponto de referência transnacional crucial, especialmente antes da existência de programas de doutorado na América Latina. Everett Rogers orientou sua dissertação de mestrado, David Berlo sua tese de doutorado, e ambos creditaram a faculdade por influenciar seu pensamento (Barranquero & Ramos-Martín, 2022). Na metade dos anos 1970, Beltrán publicou em inglês sobre literatura latino-americana em língua espanhola, que poucos estudiosos dos EUA estavam lendo. Particularmente importantes foram o artigo inovador que ele apresentou na conferência de 1974 da IAMCR em Leipzig e o muito citado “Alien Premises, Objects, and Methods in Latin American Communication Research” (Premissas, Objetos e Métodos Alienígenas na Pesquisa em Comunicação Latino-Americana), publicado em um artigo especial inovador em que Díaz-Bordenave também participou, editado por Rogers e dedicado a repensar a comunicação para o desenvolvimento (Beltrán, 1974, 1976; Díaz-Bordenave, 1976a; Rogers, 1976).

Beltrán introduziu o público de língua inglesa a crítica contundente de Armand Mattelart (1970) à pesquisa em comunicação dos EUA, publicada no notável periódico interdisciplinar *Cuadernos de la Realidad Nacional*, trabalho que acompanhou a concessão de uma bolsa da Fundação Rockefeller ao Chile por Mattelart, e sua leitura de traduções para o espanhol de Robert K. Merton, Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson, Charles Wright e Ithiel de Sola Pool¹³. Beltrán (1979), junto com Díaz-Bordenave (1976b), também se baseou no trabalho de Frank Gerace, um jovem americano influenciado por Freire e que trabalhava na Bolívia e no Peru. Por meio deles, o livro *Comunicación Horizontal* (1973), publicado por Gerace em Lima, foi incluído na matriz de obras que moldaram

¹³Sobre Mattelart no Chile, consulte Zarowsky (2013). Sobre a história da pesquisa crítica e relacionada à modernização no Chile, dos anos 1950 aos anos 1970, veja Davies (1999).



as conceptualizações latino-americanas da comunicação horizontal como uma alternativa democrática à teoria da comunicação de cima para baixo e tecnicista no estilo de Schramm, que impulsionou esforços clássicos de modernização. No geral, Beltrán facilitou diálogos entre pesquisadores críticos e objetivistas, assim como entre o Sul e o Norte, abrindo caminho para outros proeminentes estudiosos latino-americanos publicarem em periódicos de língua inglesa – algo que Marques de Melo (1976, 1988, 1993a), em particular, faria influentemente.

Institucionalmente, a participação de Beltrán nos congressos da IAMCR apontava para um grupo de latino-americanos que ali encontraram espaço antes do estabelecimento da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, fundada em 1978) ou da FELAFACS (Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación, fundada em 1981). A IAMCR esteve ativa na região e realizou as suas conferências semestrais em Buenos Aires em 1972 e em Caracas em 1980 (Cimadevilla, 2021; Roncagliolo & Villanueva-Mansilla, 2023). A International Communication Association (Associação Internacional de Comunicação, ICA) também se reuniria em Acapulco em 1980, fornecendo outro local estruturado para intercâmbio entre Sul e Norte, embora baseado nas normas de uma organização profissional dos EUA.

Os contextos mais amplos dos anos 1970 e 80 para Beltrán e outros incluíam a institucionalização da disciplina na América Latina e esforços coletivos para construir formas de pensamento socialmente engajado nativas da região. As principais correntes dessa história têm sido frequentemente contadas, embora permaneçam desconhecidas para a maioria dos estudiosos dos EUA. As raízes de uma ciência social latino-americana, construída dentro e para a região, remontam ao final dos anos 1940, e nos anos 1960 foram fortalecidas involuntariamente por uma iniciativa de modernização contrarrevolucionária dos EUA, a Aliança para o Progresso (Fajardo, 2021). Nos anos 1960 e 70, à medida que as universidades se direcionavam fortemente para a esquerda política, o impulso por formas indígenas de conhecimento ganhava força, mesmo com as ditaduras militares de direita, frequentemente apoiadas pelos EUA, levando muitos acadêmicos de orientação esquerdista ao exílio (sobre isso, consulte Zarowsky, 2013, 2015). No início e meados dos anos 1970, o CIESPAL, catalisado pelas importantes reuniões de San José, Costa Rica, em 1973, rompeu seus laços com os EUA e tornou-se um local para organizar um campo verdadeiramente latino-americano. Em 1972, deu início a um novo periódico, o *Chasqui*, publicado em espanhol e que centralizava a produção acadêmica da região (Daros, 2023). A energia intelectual e política da época estava vinculada ao relatório de 1980 da Comissão MacBride, que foi um dos principais tópicos das reuniões da IAMCR naquele ano em Caracas (Sánchez-Narvarte, 2022). Os departamentos e

escolas de comunicação continuaram a se expandir pela América Latina, embora de forma desigual, com Brasil e México juntos abrigando cerca de dois terços dos programas no final dos anos 1980. Além disso, a educação e a pesquisa de pós-graduação ficaram aquém da educação de graduação e do treinamento profissional (Fuentes-Navarro, 1994). Organizando-se a partir de redes apoiadas pela IAMCR, os acadêmicos latino-americanos fundaram a ALAIC em 1978, embora ela tenha permanecido estagnada até 1989, quando foi reconstituída e começou a promover reuniões bienais regulares (Marques de Melo, 2011b).

Intelectualmente, múltiplos vetores de contato transnacional produziram uma notável interjeição do pensamento latino-americano nos círculos principais da pesquisa em comunicação dos EUA. Críticos latino-americanos dos paradigmas clássicos de modernização formularam uma explicação de como o desenvolvimento levou a novas formas de dependência, uma palavra que, até o final dos anos 1960, era “um termo ubíquo na ciência social latino-americana” (Fajardo, 2021, p. 206). O conceito então migrou para o norte, para os EUA (bem como para a Europa), onde entrou nos discursos tanto de cientistas sociais radicais quanto de instituições estabelecidas, como a Fundação Ford. Havia caminhos duplos análogos para o pensamento latino-americano em comunicação. Por um lado, Beltrán e Díaz-Bordenave influenciaram pesquisadores em comunicação para o desenvolvimento nos EUA a fazer revisões politicamente moderadas em seus paradigmas. Por outro, acadêmicos insurgentes mais à esquerda, como Herbert Schiller e Dallas Smythe – que conheceram Mattelart quando viajaram para o Chile em 1972 (Schiller & Smythe, 1972) – engajaram-se com o pensamento Marxizante do Sul. O livro de Mattelart e Ariel Dorfman, *Como leer el pato Donald*, traduzido para o inglês em 1975, foi citado por estudiosos críticos e de estudos culturais nos EUA, embora de maneira geralmente superficial.

Curiosamente, foram os principais cientistas da comunicação, como Rogers, Chaffee, Emile McAnany, Brenda Dervin e Rita Atwood, que estavam entre os mais empenhados em facilitar diálogos com a pesquisa crítica latino-americana (Atwood & McAnany, 1986; Chaffee et al., 1990; McAnany, 1992; Huesca & Dervin, 1994). Eles foram influenciados por seus alunos ou colegas de pós-graduação latino-americanos e alguns também entendiam um pouco de espanhol. Esse período de envolvimento provavelmente atingiu o ápice em meados dos anos 1990, com a tradução para o inglês de *De los Medios a las Mediaciones* (1987) de Martín-Barbero em 1994, um sinal de sua importância para os estudos midiáticos e culturais anglófonos, além de um artigo especial sobre mídia latino-americana no principal periódico sobre comunicação dos EUA, o *Journal of Communication* (editado por Elizabeth Fox, em 1995). Depois disso, com exceção daqueles que estudavam questões latino-americanas, os



estudiosos de comunicação dos EUA geralmente se voltavam para o pensamento vindo da França, Alemanha, Reino Unido – ou, na maioria dos casos, àqueles que chamavam de “americanos”, trabalhando no que consideravam o campo da comunicação.

Metástase neoliberal: de meados da década de 1990 até os dias atuais

O fim da Guerra Fria, a descolonização em curso e a ampla adoção da internet prometiam tornar a década de 1990 um período no qual mudanças na geopolítica e na tecnologia se combinariam para criar um mundo mais inclusivo de estudos midiáticos e de comunicação. Isso não se concretizou, e a dominância dos EUA e do mundo anglófono de forma mais ampla se manteve poderosamente desde o início do milênio. O ideal de globalismo acadêmico dos anos 1990, com suas visões de interconexão radical e multivocalidade, em grande parte se dissipou em uma reinscrição das relações de poder entre América Latina e EUA, embora isso seja vigorosamente contestado por acadêmicos latino-americanos que resistem a esse processo e por um número crescente de estudiosos dos EUA que estão atentos às críticas anticoloniais de seus colegas latino-americanos.

Essa reinscrição das relações de poder é evidente na publicação acadêmica, na qual os EUA, Reino Unido, Austrália e Europa Ocidental ocupam uma posição dominante nas ciências sociais. Demeter (2019a) descreve uma estrutura global de “centro-periferia” nas ciências sociais, algo que se manifesta de modo ainda pior nos estudos de comunicação (Demeter, 2019b). A grande maioria (90%) da lista do Índice de Citação em Ciências Sociais de periódicos de estudos de comunicação e mídia é publicada em países de língua inglesa (Demeter, 2019b, p. 45). Os contornos mais amplos da relação entre os EUA e a América Latina são moldados por esse tipo de estrutura centro-periferia nos padrões de publicação e citação que prevalece globalmente.

Revisões mais abrangentes da publicação acadêmica que revelam a predominância do Norte global identificam fatores (como o uso da língua inglesa, fator de impacto e profissionalização da pesquisa) que reimprimem essa relação centro-periferia. Essas mesmas revisões também revelam que esses fatores, por representarem a extensão das tradições do Norte global, são impostos de forma mais incisiva na periferia do que no centro. Os estudos de comunicação na América Latina oferecem uma demonstração vívida desse padrão, como ilustrado na descrição feita por Heram e Gándara (2021) sobre o lugar institucional da produção acadêmica latino-americana em comunicação na década de 1990. Eles descrevem os anos 1990 como um período em que a “ofensiva ‘neoliberal’ do capitalismo se aprofundou em toda a região” (p. 38), um desenvolvimento

ligado à profissionalização do campo da comunicação e ao seu afastamento de impulsos mais críticos. A tradição distintivamente latino-americana, que havia ganhado destaque nos anos 1970 e 1980, confronta essa lógica neoliberal de incorporação em crescimento. Nos anos 2000, em meio a crises políticas e econômicas, o avanço das tendências de profissionalização nas estruturas acadêmicas continuou, mas esse avanço é contraposto pela região ter desenvolvido seus próprios periódicos, organizações e cultura acadêmica.

Muito da relação entre a produção acadêmica em comunicação nos EUA e na América Latina pode ser compreendido em termos da persistente dominância global da língua inglesa na publicação acadêmica. Essa dominação está conectada a formações geopolíticas mais amplas, assim como Albuquerque (2021) conecta o “centrismo anglófono ocidental” no meio acadêmico às relações de poder unipolares que surgiram nos anos 1990 (p. 181). Esse mundo unipolar convida os acadêmicos latino-americanos a conectar seus trabalhos com “teorias, princípios culturais e convenções, e agendas de pesquisa originadas no meio acadêmico anglófono” (p. 181). O imenso potencial prometido pelas mídias digitais é subestimado por um sistema que “introduz artificialmente a escassez e a homogeneidade” (p. 182).

Os efeitos dessa escassez e homogeneidade fabricadas encontram uma demonstração poderosa na produção acadêmica em comunicação na América Latina nas últimas três décadas. Até os anos 1990, os acadêmicos latino-americanos haviam começado a desenvolver um mundo interconectado de escolas, periódicos, conferências, organizações e comunidades intelectuais que contrastavam fortemente com o conhecido centro de poder anglófono no campo. A busca por um estudo de comunicação mais “global” operou como um vetor a partir do Norte, um choque externo que mina a relevância da produção acadêmica latino-americana. Aqui, a introdução do que Albuquerque et al. (2020) referem-se como o *capitalismo acadêmico* merece alguma consideração. O capitalismo acadêmico “refere-se à organização” do campo acadêmico “em torno de uma lógica de competição de mercado, na qual instituições acadêmicas e profissionais são avaliados em termos de sua eficiência econômica e competem por prestígio e recursos” (p. 88). É um sistema onde as classificações de publicações se tornam um importante mecanismo para a predominância anglófona. À medida que as expectativas para acadêmicos na América Latina estão vinculadas às de impacto no campo, eles são lançados no mercado global de trabalho acadêmico, que, por força das circunstâncias, são os periódicos anglófonos com conselhos editoriais fortemente dominados pelo Norte global. Métricas de publicação, como o Clarivate Journal Citation Reports, apelam para uma preocupação positivista pelo impacto, e seu uso em todo o campo se torna um meio pelo qual impelir



os acadêmicos a ajustarem seus trabalhos para se encaixarem no sistema predominantemente anglófono. E assim, “o status internacional da América Latina foi *rebaixado* quando o sistema de classificação centrado nos EUA” passou a ter crescente importância nos estudos de comunicação nos anos 2000 (p. 197).

Uma parte importante da infraestrutura da pesquisa de mídia na América Latina tem sido o notável número e variedade de periódicos em espanhol e português, muitos deles estabelecidos como plataformas *open access* (de acesso aberto, OA) que não exigem article processing charges (taxas de processamento de artigos, APCs). Aguado-López e Becerril-García (2020) observam que esses periódicos “apontam para como um ecossistema global de comunicações acadêmicas, liderado por acadêmicos e sem fins lucrativos, poderia ser”. Eles oferecem uma tábua de salvação crucial para o desenvolvimento dos estudos de comunicação latino-americanos em seus próprios termos, uma linha de vida que é desafiada à medida que correntes mais amplas na publicação acadêmica ao redor do mundo tendem a favorecer modelos de publicação focados em APCs que frequentemente têm o efeito de deslocar recursos para o centro do Norte global e afastá-los da periferia. Ainda há sinais ocasionais de esperança; Arroyave et al. (2020) descobriram que a pesquisa de comunicação colombiana está atraindo mais notoriedade global graças à Web of Science. No entanto, o domínio do Norte anglófono permanece praticamente intacto. A lógica neoliberal de um meio global unificado para calcular o impacto acadêmico em prol da classificação abre caminho para a reprodução do domínio do Norte global.

A homogeneidade esperada dos estudos, tal como definida pelo mundo anglófono, entra marcadamente em conflito com a prática estabelecida nos estudos latino-americanos sobre mídia. A exclusão dos estudos sobre mídia na América Latina vai além da reprodução de uma monocultura linguística anglófona. As tendências dinâmicas autônomas enraizadas nos estudos de comunicação latino-americanos nas décadas de 1970 e 1980 permitiram o surgimento tanto de um “sincretismo teórico e metodológico” quanto de uma “ênfase na práxis” (Enghel & Becerra, 2018, p. 116). Também se encontra nos estudos latino-americanos o que Enghel e Becerra (2018) chamam de diferença na “lógica organizacional dos argumentos” (p. 122), na qual os estudiosos latino-americanos estão acostumados a um modo mais reflexivo e menos puramente descritivo, prestando-se a um estilo mais ensaístico. Numa academia globalizada, espera-se que autores da América Latina citem obras já consagradas como legítimas no mundo anglófono, negligenciando as citações de fontes em espanhol ou português (Suzina, 2021). As características que tornaram os estudos de comunicação latino-americanos diferentes do modelo dos EUA ganharam vida pelo mesmo espírito independente que motivou o afastamento do CIESPAL

do domínio dos EUA, a fundação (e posterior ressurgimento) da ALAIC, e a virada para uma inspiração intelectual mais crítica de dentro da América Latina (e além). À medida que o campo ostensivamente globalizado sucumbe aos modelos de publicação e aos ideais de profissionalização importados do Norte global, todas estas características distintivamente latino-americanas passam a funcionar como obstáculos a uma circulação mais ampla e ao impacto como meios insuficientemente “profissionais” de produção de trabalho.

A centralidade dos EUA também tem sido reafirmada na educação de pós-graduação desde a década de 1990. Os estudantes viajam para os EUA para fazer pós-graduação há muito tempo, mas esse padrão se acelerou desde a década de 1990, à medida que o acesso à Internet tornou mais fácil para os futuros alunos de pós-graduação encontrarem e se inscreverem em programas de pós-graduação em comunicação nos EUA. Os programas de pós-graduação em comunicação baseados na Internet, igualmente possibilitados pelo alcance expandido da Internet, também intensificaram os esforços para recrutar estudantes de fora dos EUA, incluindo a América Latina (Park & Grosse, 2015). Os estudantes do Sul global que buscam graduações em programas de comunicação nos EUA se veem transformados em “pessoas de cor assim que chegam ao país” e “são ainda rotulados como estrangeiros” (Murty, 2021, p. 687), muitas vezes sentindo a necessidade de espaços de mentoria nos quais possam expressar suas próprias experiências (Murty, 2021, p. 690). A pedagogia na pós-graduação torna-se um importante ponto de contato para a #CommunicationSoWhite (#ComunicaçãoBrancaDemais), onde os estudantes de cor precisam confrontar a relativa falta de preocupação do cânone do campo pela questão racial, deixando-os na posição de “desaprender o cânone” (Mukherjee, 2020, p. 8).

O período neoliberal nesta história que estamos traçando viu o ressurgimento de um movimento para resistir à dominação centrada nos estudos de comunicação nos EUA. Embora o controle ocidental permaneça uma força persistente e mutante, a ideia de desocidentalizar os estudos de comunicação ganhou impulso considerável e se conectou produtivamente com críticas informadas por geopolítica, raça e gênero. Juntos, esses movimentos “desmascaram a pretensão de uma ciência abstrata, asséptica e neutra” (Weisbrot, 2022, p. 26). Os estudiosos de comunicação da América Latina estiveram na vanguarda dos esforços para descolonizar os estudos de comunicação (por exemplo, Magallanes Blanco & Ramos Rodríguez, 2016; Torrico, 2016a). Isso acontece à medida que acadêmicos dos EUA se aproximam da teoria crítica de acadêmicos críticos latino-americanos, incluindo Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo, e do trabalho da autora e crítica jamaicana Sylvia Winter. Resta saber o que acontecerá no conflito entre esse coro – agora bem-informado – de vozes críticas e os impulsos



neoliberais que se infiltraram nas camadas profundas da prática acadêmica no século XXI.

Enquanto as duas primeiras eras em nossa periodização foram marcadas por padrões de intercâmbio – com a primeira caracterizada por uma intervenção unidirecional dos EUA e a segunda trazendo consigo um diálogo incipiente e ocasionalmente vibrante –, a terceira é aquela em que o estabelecimento de um sistema de conhecimento neoliberal emergiu como uma poderosa força constitutiva. Os pontos de contato de longa data entre os EUA e a América Latina – escolas de pós-graduação, conferências, associações profissionais e publicações – continuam a promover fluxos de ideias e pessoas. Esses fluxos se intensificaram desde a década de 1990. Ainda assim, esses pontos de contato se veem, em grande parte, influenciados por um sistema acadêmico neoliberal no qual as forças político-econômicas são exercidas de forma mais direta na relação entre os estudos de comunicação nos EUA e na América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a escrita da história disciplinar tem um papel modesto a desempenhar no projeto de conquistar um futuro plural para o estudo organizado dos media e da comunicação. Uma abordagem fundamental para alcançar esse objetivo é descobrir alternativas e trajetórias já percorridas; outra é explicar por que esses caminhos encontraram resistência ou indiferença, com o intuito de revelar as condições de produção de conhecimento que contribuíram para restringir o campo. Nesse sentido, a historiografia latino-americana da pesquisa em comunicação é um exemplo a ser seguido, pois é sensível a premissas, objetos e métodos diversos, ao mesmo tempo em que está motivada a documentar – em desafio parcial à hegemonia da língua inglesa – formas alternativas de delinear o campo.

Este ensaio foi escrito com um espírito autorreflexivo. Começamos explorando o paroquialismo velado da historiografia dos EUA, com suas reivindicações de considerar o caso dos EUA como um reflexo do mundo inteiro – ou como a herança do mundo. Reconhecemos que alguns de nossos trabalhos anteriores adotaram implicitamente esse quadro, o que lamentamos agora. O equilíbrio do ensaio foi uma tentativa de adentrar em uma conversa historiográfica diferente e de longa data, que emerge da complexa circulação de ideias, pessoas e formas institucionais dentro e através das fronteiras. O quadro panamericano, focado nas trocas entre os EUA e a América Latina, é particularmente promissor para esse trabalho contínuo, considerando as tensões geopolíticas e intelectuais que marcaram a história moderna do hemisfério. Nossa periodização provisória dos intercâmbios inter-regionais no campo, aqui delineada, se baseia nessa promessa.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer os perigos de adotar “as Américas” como um objeto comum de atenção histórica. Desde a década de 1990, houve apelos para “internacionalizar”, “desocidentalizar” e “globalizar” o campo dos estudos da comunicação. Como observado por outros autores (por exemplo, Albuquerque & Oliveira, 2021; Willems, 2014), muitos desses apelos vieram de acadêmicos confortavelmente situados na Europa Ocidental e nos EUA, e por vezes tiveram o efeito de obscurecer tradições de pesquisa de longa data em outras regiões, especialmente na América Latina, África e Leste Asiático. Se optarmos por abraçar “as Américas” como um enquadramento para a investigação histórica, precisamos ter cuidado para evitar a reinscrição da hegemonia dos EUA e da língua inglesa, uma tendência na qual os que trabalham no Norte anglófono estão profundamente imersos e muitas vezes perpetuam sem consciência. Essa dinâmica faz parte de nossos padrões institucionais e intelectuais, estendendo-se materialmente por meio de regimes neoliberais de conhecimento. É essencial estarmos atentos a como a reivindicação de uma historiografia do campo nas Américas poderia, no final das contas, apenas recentralizar os EUA de maneiras novas, mas estranhamente familiares.

Com essas precauções em mente, sugerimos que “as Américas” possam ser um organizador produtivo de conhecimento e pesquisa colaborativa, com uma especificidade histórica maior do que as abordagens “internacionalizadas” ou “globalizadas” de investigação podem oferecer. Esse enquadramento transcende as divisões entre Norte e Sul de maneira análoga à rica coleção de ensaios do recente volume de trabalho de estudiosos latino-americanos e europeus (Paulino et al., 2020), assim como às redes ibero-americanas que emergiram entre estudiosos hispanófonos e lusófonos nos últimos anos. Podemos também considerar o excelente volume de ensaios de estudiosos da comunicação do Caribe e da África (Dunn et al., 2021), construído a partir de suas experiências históricas compartilhadas. O conceito de “as Américas” nos direciona imediatamente para os fluxos de ideias, pessoas e recursos financeiros em toda a região, destacando os processos diferenciais por meio dos quais esses fluxos foram mediados em contextos locais. Esse enquadramento também nos coloca em uma perspectiva geopolítica, possibilitando uma investigação cuidadosa sobre as forças da hegemonia dos EUA, as formas de resistência a ela e as alternativas intelectuais que se desenvolveram além do Atlântico Norte. Apesar de figuras como Quijano, Mignolo, Wynter e María Lugones estarem cada vez mais presentes em bibliografias e programas de estudos, a maioria dos estudiosos de comunicação dos EUA e da Europa Ocidental sabe pouco sobre as tradições de pensamento crítico da América Latina e do Caribe. Eles desconhecem como os acadêmicos dessas regiões lideraram os esforços



contemporâneos para descolonizar o campo e suas formas de conhecimento, bem como a existência de um conjunto bem estabelecido de publicações de acesso aberto na região. Existe uma lacuna na leitura e citação de estudiosos fora do Atlântico Norte, um padrão institucionalmente estruturado com uma história própria (Ganter & Ortega, 2019). Do ponto de vista do campo dos EUA, “as Américas” oferecem uma maneira regionalmente focada de continuar a desafiar a visão convencional do campo. No entanto, a verdadeira recompensa virá quando aqueles de nós que investigam a história dos estudos da comunicação nas Américas reunirem seus pensamentos e descobrirem o que podemos aprender em conjunto. ■

REFERÊNCIAS

- Aguado-López, E., & Becerril-Garcia, A. (2020, May 20). The commercial model of academic publishing underscoring Plan S weakens the existing open access ecosystem in Latin America. *LSE Impact Blog*. <https://bit.ly/3G99jrQ>
- Albuquerque, A. (2021). The institutional basis of anglophone western centrality. *Media, Culture & Society*, 43(1), 180-188. <https://doi.org/10.1177/0163443720957893>
- Albuquerque, A., & Oliveira, T. (2021). Pensando o recolonial nos estudos da comunicação: Reflexões a partir da América Latina. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 18(51), 82-102. <https://doi.org/10.18568/cmc.v18i51.2521>
- Albuquerque, A., Oliveira, T. M., Santos, M. A., Jr., & Albuquerque, S. O. F. (2020). Structural limits to the de-westernization of the communication field: The editorial board in Clarivate's JCR system. *Communication, Culture & Critique*, 13(2), 185-203.
- Aragão, I. P. (2017). Primeira década do Ciespal: Fundação e indicações de investigação. *Chasqui*, 135, 339-360.
- Arroyave-Cabrera, J., Repiso-Caballero, R., & González-Pardo, R. (2020). La investigación en comunicación en Colombia vista desde Web of Science. *Revista de Comunicación*, 19(2), 29-45. <https://doi.org/10.26441/RC19.2-2020-A2>
- Atwood, R., & McAnany, E. G. (1986). *Communication and Latin American society: Trends in critical research, 1960-1985*. University of Wisconsin Press.
- Barranquero, A. (2014). El pensamiento comunicacional de Luis Ramiro Beltrán. In L. R. Beltrán, *Comunicología de la liberación, desarrollismo, y políticas públicas* (pp. 17-52). Luces de Gálibo.
- Barranquero, A., & Ramos-Martín, J. (2022). Luis Ramiro Beltrán and theorizing horizontal and decolonial communication. In Y. Miike & J.

- Yin (Eds.), *The handbook of global interventions in communication theory* (pp. 298-309). Routledge.
- Beltrán, L. R. (1974). *Communication research in Latin America: The blindfolded inquiry* [Paper presentation]. International Association for Mass Communication Research, Leipzig, East Germany.
- Beltrán, L. R. (1976). Alien premises, objects, and methods in Latin American communication research. *Communication Research*, 3(2), 107-134. <https://doi.org/10.1177/009365027600300202>
- Beltrán, L. R. (1993). Communication for development in Latin America: A forty-year appraisal. In D. Nostbakken & C. Morrow (Eds.), *Cultural expression in the global village* (pp. 9-31). Southbound.
- Buxton, W. J. (1994). The political economy of communications research. In R. E. Babe (Ed.), *Information and communication in economics* (pp. 147-175). Springer.
- Cantril, H. (1967). *The human dimension: Experiences in policy research*. Rutgers University Press.
- Carey, J. W. (1979). Graduate education in mass communication. *Communication Education*, 28(4), 282-293. <http://doi.org/10.1080/03634527909378368>
- Chaffee, S. H., Gomez-Palacio, C., & Rogers, E. M. (1990). Mass communication research in Latin America: Views from here and there. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 67(4), 1015-1024. <https://doi.org/10.1177/107769909006700402>
- Cimadevilla, G. R. (2021). Milicos, gestores y literatos: La historia jamás contada del IX congreso de IAMCR en Buenos Aires (1972). *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 20(36), 36-48. <https://doi.org/10.55738/alaic.v20i36.690>
- Cramer, G. (2009). The Rockefeller Foundation and pan-American radio. In W. Buxton (Ed.), *Patronizing the public: American philanthropy's transformation of culture, communication and the humanities* (pp. 77-99). Lexington Books.
- Cramer, G., & Prutsch, U. (2006). Nelson A. Rockefeller's office of inter-American affairs (1940-1946) and record group 229. *Hispanic American Historical Review*, 86(4), 785-806. <https://doi.org/10.1215/00182168-2006-050>
- Daros, O. (2022). A decolonial approach to the discipline of journalism theory in Brazil. *Journalism & Mass Communication Educator*, 77(2), 237-250. <https://doi.org/10.1177/10776958211037486>
- Daros, O. (2023). CIESPAL and the development of education and research in communication in Latin America. *Studies in Communication Sciences*, 23(1), 105-120. <https://doi.org/10.24434/j.scom2023.01.3334>



- Daros, O., & Rüdiger, F. (2022). Paradigm shift in mid-twentieth century Brazilian journalism: A negative dialectics of decoloniality? *Journalism Studies*, 23(13), 1703-1720. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2022.2083004>
- Davies, M. (1999). *International political economy and mass communication in Chile: National intellectuals and transnational hegemony*. Palgrave Macmillan.
- Day, J. L. (1966). How CIESPAL seeks to improve Latin American journalism. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 43(3), 525-530. <https://doi.org/10.1177/107769906604300316>
- Delia, J. G. (1987). Communication research: A history. In C. R. Berger & S. H. Chaffee (Eds.), *Handbook of communication science* (pp. 20-98). Sage.
- Demeter, M. (2019a). The world-systemic dynamics of knowledge production: The distribution of transnational academic capital in the social sciences. *Journal of World-Systems Research*, 25(1), 111-144. <https://doi.org/10.5195/jwsr.2019.887>
- Demeter, M. (2019b). The winner takes it all: International inequality in communication and media studies today. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 96(1), 37-59. <https://doi.org/10.1177/1077699018792270>
- Díaz-Bordenave, J. (1976a). Communication of agricultural innovations in Latin America: The need for new models. *Communication Research*, 3(2), 135-154. <https://doi.org/10.1177/009365027600300203>
- Díaz-Bordenave, J. (1976b). La comunicación social como instrumento de desarrollo de comunidades rurales y urbanas. *Chasqui*, 15, 9-35.
- Dunn, H. S., Moyo, D., Lesitaokana, W. O., & Barnabas, S. B. (Eds.). (2021). *Re-imagining communication in Africa and the Caribbean*. Palgrave Macmillan.
- Eadie, W. F. (2022). *When communication became a discipline*. Rowman & Littlefield.
- Engel, F., & Becerra, M. (2018). Here and there: (Re)situating Latin America in international communication theory. *Communication Theory*, 28(2), 111-130. <https://doi.org/10.1093/ct/qty005>
- Fajardo, M. (2021). Latin America's dependency theory: A counter-Cold War social science? In M. Solovey & C. Dayé (Eds.), *Cold War social science* (pp. 191-222). Palgrave Macmillan.
- Feliciano, F. A. (1988). Ciespal: Trinta anos de influências. *Intercom*, 11(59), 55-64.
- Folkerts, J. (2014). History of journalism education. *Journalism & Communication Monographs*, 16(4), 227-299. <https://doi.org/10.1177/1522637914541379>
- Freire, P. (2014). *Pedagogy of hope: Reliving the pedagogy of the oppressed*. Bloomsbury. (Original work published 1994)

- Fuentes-Navarro, R. (1994). La institucionalización del campo académico de la comunicación en México y en Brasil: Un primer acercamiento comparativo. *Intercom*, 17(1), 10-32.
- Fuentes-Navarro, R. (1998). *La emergencia de un campo académico: Continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación en México*. Iteso.
- Fuentes-Navarro, R. (2005). Everett M. Rogers (1931-2004) y la investigación Latinoamericana de la comunicación. *Comunicación y Sociedad*, 4, 93-125.
- Fuentes-Navarro, R. (2016). Institutionalization and internationalization of the field of communication studies in Mexico and Latin America. In P. Simonson & D. W. Park (Eds.), *International history of communication study* (pp. 325-345). Routledge.
- Ganter, S. A., & Ortega, F. (2019). The invisibility of Latin American scholarship in European media and communication studies: Challenges and opportunities of de-westernization and academic cosmopolitanism. *International Journal of Communication*, 13, 68-91.
- Gary, B. (1996). Communication research, the Rockefeller Foundation, and mobilization for the war on words, 1938-1944. *Journal of Communication*, 46(3), 124-147. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1996.tb01493.x>
- Gilman, N. (2003). *Mandarins of the future: Modernization theory in Cold War America*. Johns Hopkins University Press.
- Gitlin, T. (1978). Media sociology: The dominant paradigm. *Theory and Society*, 6(2), 205-253.
- Gómez-Palacio, C. (1989). *The origins and growth of mass communication research in Latin America* [Unpublished doctoral dissertation]. Stanford University
- Heilbron, J., Guilhot, N., & Jeanpierre, L. (2008). Toward a transnational history of the social sciences. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 44(2), 146-160.
- Heram, Y., & Gándara, S. (2021). *Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación*. Teseo Press.
- Heyck, H. (2015). *Age of system: Understanding the development of modern social science*. Johns Hopkins University Press.
- Huesca, R., & Dervin, B. (1994). Theory and practice in Latin American alternative communication research. *Journal of Communication*, 44(4), 53-73. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1994.tb00699.x>
- Islas, O., & Arribas, A. (2010). A brief history of the Latin American academy of communication. *Communication Research Trends*, 29(2), 4-15.
- Latham, M. E. (2000). *Modernization as ideology: American social science and 'nation building' in the Kennedy era*. University of North Carolina Press.



- Lindo-Fuentes, H. (2009). Educational television in El Salvador and modernisation theory. *Journal of Latin American Studies*, 41(4), 757-792. <https://doi.org/10.1017/S0022216X09990587>
- Löblich, M., & Scheu, A. M. (2011). Writing the history of communication studies: A sociology of science approach. *Communication Theory*, 21(1), 1-22. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2010.01373.x>
- Magallanes Blanco, C., & Ramos Rodríguez J. M. (Eds.). (2016). *Miradas propias: Pueblos indígenas, comunicación y medios en la sociedad global*. Ciespal.
- Marques de Melo, J. (1988). Communication theory and research in Latin America: A preliminary balance of the past twenty-five years. *Media, Culture & Society*, 10(4), 405-418. <https://doi.org/10.1177/016344388010004002>
- Marques de Melo, J. (1993a). Communication research: New challenges of the Latin American School. *Journal of Communication*, 43(4), 182-190. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01319.x>
- Marques de Melo, J. (1993b). Investigaciones en comunicación: Tendencias de la escuela Latinoamericana. *Anuario del Departamento de Historia*, 5, 201-223.
- Marques de Melo, J. (2011a). Ciências da comunicação na América Latina: O papel histórico do Ciespal (1959-2009). *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 6(11), 12-26.
- Marques de Melo, J. (2011b). Los tiempos heroicos: La formación de la comunidad latinoamericana de ciencias de comunicación. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 1(1), 10-21.
- Martín-Barbero, J. (1987). *De los medios a las mediaciones*. Gustavo Gili.
- Mattelart, A. (1970). Críticas a la “Communication Research”. *Cuadernos de la Realidad Nacional*, 3, 11-22.
- McAnany, E. G. (1992). Cooperación de investigación crítica para Latinoamérica y los Estados Unidos en una era de globalización de la comunicación. In J. Marques de Melo (Ed.), *Comunicación latinoamericana: Desafíos de la investigación para el siglo XXI* (pp. 333-351). Asociación de Investigadores de la Comunicación.
- McAnany, E. G. (2012). *Saving the world: A brief history of communication for development and social change*. University of Illinois Press.
- Meditsch, E. (2021). Uma história feita a manu militari? A Sociedade Interamericana de Imprensa, a guerra psicológica, o Ciespal e a área acadêmica na América Latina. *Media & Jornalismo*, 21(39), 117-133. https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_6
- Moreira, S. V., & Lago, C. (2017). Journalism education in Brazil: Developments and neglected issues. *Journalism & Mass Communication Educator*, 72(3), 263-273. <https://doi.org/10.1177/1077695817719609>

- Moreno, A., & Sánchez-Castro, M. (2009). A lost decade? László Radványi and the origins of public opinion research in Mexico, 1941-1952. *International Journal of Public Opinion Research*, 21(1), 3-24. <https://doi.org/10.1093/ijpor/edp002>
- Mukherjee, R. (2020). Of experts and token: Mapping a critical race archaeology of communication. *Communication, Culture and Critique*, 13(2), 152-167. <https://doi.org/10.1093/ccc/tcaa009>
- Murty, M. (2021). Mentoring at the boundary: Interdisciplinarity and the international student of color in communication. *Communication, Culture and Critique*, 14(4), 687-691. <https://doi.org/10.1093/ccc/tcab058>
- Navarro, M., & Ortiz Garza, J. L. (2020). Early surveys in Latin America and transnational communication research, 1941-1945. *Media History*, 26(3), 301-315. <https://doi.org/10.1080/13688804.2019.1585236>
- Nixon, R. B. (1982). Historia de las escuelas de periodismo. *Chasqui*, 2, 13-19.
- Ortiz Garza, J. L. (2007). *Ideas en tormenta: La opinión pública en México en la Segunda Guerra Mundial*. Ruz.
- Ortiz Garza, J. L. (2012). The early days of survey research in Latin America. In H. Haas, H. Jerabek & T. Petersen (Eds.), *The early days of survey research: And their importance today* (pp. 150-165). Braumuller.
- Park, D. W., & Grosse, M. (2015). International vectors in U.S. graduate education in communication. In P. Simonson & D. W. Park (Eds.), *The international history of communication study* (pp. 302-322). Routledge.
- Paulino, F. O., Kaplún, G., Mariño, M. V., & Custódio, L. (Eds.). (2020). *Research traditions in dialogue – Communication studies in Latin America and Europe*. Media XXI.
- Pooley, J. (2008). The new history of mass communication research. In D. W. Park & J. Pooley (Eds.), *The history of media and communication research: Contested memories* (pp. 43-70). Peter Lang.
- Rogers, E. (1976). New perspectives on communication and development: Overview. *Communication Research*, 3(2), 99-106.
- Rogers, E. (1994). *A history of communication study: A biographical approach*. Free Press.
- Roncagliolo, R., & Villanueva-Mansilla, E. (2023). The Latin American critical tradition of communication research and the early years of participation in IAMCR, 1960-1990. In J. Becker & R. Mansell (Eds.), *Reflections on the International Association for Media and Communication Research: Many voices, one forum* (pp. 157-168). Palgrave Macmillan.
- Ruiz, C. M. (2010). La influencia de Ciespal en la formación del periodista latinoamericano: Una revisión crítica. *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico*, 16, 307-318.



- Sánchez Narvarte, E. (2022). Antonio Pasquali. Una práctica intelectual entre América Latina y Europa (1979-1989). *History of Media Studies*, 2. <https://doi.org/10.32376/d895a0ea.0444937b>
- Schiller, H., & Smythe, D. (1972). Chile: An end to cultural colonialism. *Transaction/Society*, 9(5), 35-39.
- Schramm, W. (1960). *A programme of research for mass media development* [Paper presentation]. Meeting of Experts on Development of Information Media in Latin America, Santiago, Chile.
- Simonson, P., Park, D. W., & Pooley, J. (2022a). Exclusions/exclusiones: The role for history in the field's reckoning. *History of Media Studies*, 2. <https://doi.org/10.32376/d895a0ea.ed348e03>
- Simonson, P., Park, D. W., & Pooley, J. (Eds.). (2022b). Exclusions in the history of media Studies [Special section]. *History of Media Studies*, 2.
- Simpson, C. (1994). *Science of coercion: Communication research and psychological warfare, 1945-1960*. Oxford University Press.
- Torrigo, E. (2016a). *Hacia la comunicación decolonial*. Universidad Andina Simón Bolívar.
- Torrigo, E. (2016b). *La comunicación: Pensada desde América Latina (1960-2009)*. Comunicación Social.
- Torrigo, E. (2018). La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 15(28), 72-81.
- Tota, A. P. (2009). *The seduction of Brazil: The Americanization of Brazil during World War II*. University of Texas Press.
- Vassallo de Lopes, M. I., & Romancini, R. (2016). History of communication studies in Brazil. In P. Simonson & D. W. Park (Eds.), *The international history of communication study* (pp. 346-366). Routledge.
- Waisbord, S. (2022). What is next for de-westernizing communication studies? *Journal of Multicultural Discourses*, 17(1), 26-33. <https://doi.org/10.1080/17447143.2022.2041645>
- Willems, W. (2014). Provincializing hegemonic histories of media and communication studies: Toward a genealogy of epistemic resistance in Africa. *Communication Theory*, 24(4), 415-434. <https://doi.org/10.1111/comt.12043>
- Zarowsky, M. (2013). *Del laboratorio chileno a la comunicación-mundo: Un itinerario intelectual de Armand Mattelart*. Biblios.
- Zarowsky, M. (2015). Del exilio a los nuevos paradigmas: Los intelectuales argentinos de la comunicación en México (de controversia a comunicación y cultura). *Comunicación y Sociedad*, (24), 127-160.

Artigo recebido em 11 de outubro de 2023 e aprovado em 22 de novembro de 2023.